

## **NOS TEMPOS DO PEDRO AMÉRICO: BOEMIA, POLÍTICA E MEMÓRIA DE JOÃO PESSOA NA DÉCADA DE 1960**

*Daniel Santana Leite da Silva<sup>1</sup>  
Giuseppe Emmanuel Lyra Filho<sup>2</sup>*

### **Introdução**

O presente trabalho foi desenvolvido mediante a necessidade de se registrar um período bastante fecundo da História paraibana, através dos relatos e da memória do médico Paulo Soares em seu livro intitulado “Nos tempos do Pedro Américo” (1989). A respeito destas necessidades, salientamos para o fato de existir uma lacuna de produção historiográfica sobre a vida marginal de homens e mulheres que circulavam pelas ruas no centro da cidade de João Pessoa nos idos de 1960 até meados de 1970, que muitas vezes atravessavam aquelas praças, ruas e becos em busca de uma conversa fiada com os cúmplices de vida, saciar a fome cotidiana em algum boteco ou restaurante - ou mesmo ‘lavar a garganta’ com algum drink -, reencontrar e encontrar pessoas e também, claro, dar graça aos prazeres da vida a fim de encontrar alguma diversão noturna.

De todo modo, consideramos importante tratar este livro de memórias enquanto uma maneira de trazer à tona a vida de um estudante secundarista e que logo após se tornou universitário. Portanto, Paulo Soares buscou explicar uma narrativa que tivesse por objetivo descrever os aspectos relacionados a vida dos estudantes que moravam no centro da capital paraibana, bem como seu cotidiano de política estudantil e também de boemia, tudo isso tendo o Bar Pedro Américo como espaço de confluência de todas essas atividades.

Com seu discurso memorialista, Soares arquiteta uma região da cidade de João Pessoa dos anos sessenta e setenta - período de registro dos acontecimentos narrados - em suas lembranças como um espaço de convivência, de luta, de boemia, e principalmente como um lugar de saudade. Discurso saudosista que evoca algumas críticas e, porque não, historiciza os espaços e as pessoas que conviveram durante aqueles tempos e a época de produção do próprio livro no sentido de apresentar uma época que não se reconhece tanto nos dias atuais (anos oitenta) na dimensão da vida

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: master-splinterdsk@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduando em História pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: giufilho@gmail.com

física e do espaço, como também no que diz respeito a vida dos sujeitos e sujeitas que viveram naqueles tempos.

Podemos considerar que a maneira como o autor narrou e construiu uma memória daquele tempo reporta-se não apenas do ponto de vista de apenas representar, inventariando escolhas, pessoas, pontos de vistas, que trouxesse à tona – e principalmente para os seus pares – um forte saudosismo de alguém que viveu naqueles tempos.

Este saudosismo é bastante frequente na obra e nos mostra alguns recursos discursivos que o autor se utiliza para rememorar um passado longínquo e que não volta mais, uma forte nostalgia de algo que é bastante característico das obras memorialistas.

Em linhas gerais, o livro analisado nos apresentou algumas inquietações que serão apresentadas no decorrer deste pequeno ensaio.

### **Entre a praça Aristides Lobo e a praça Pedro Américo: O Bar**

Até os anos de 1960, o centro da cidade de João Pessoa se configurava como principal ponto da cidade, seja do ponto de vista administrativo e comercial da cidade, seja como principal ponto de diversão e de boemia. Sua localização geográfica contemporânea aos dias atuais, não contempla mais a categoria de centro se pensarmos a circulação de pessoas na cidade para os mais diversos objetivos, visto que se encontra a oeste, hoje em dia, de um mapa em que praticamente todas as fronteiras são compostas por bairros, comunidades... uma densidade geográfica muito mais significativa que naqueles dias de outrora.

Se tratando do lugar narrado pelo autor, o Bar Pedro Américo – lugar e principal recorte inserido no livro -, sua localização era entre as praças Pedro Américo (conhecida por habitar nas mediações o Teatro Santa Rosa) e a Aristides Lobo, além de também se encontrar “escondido” atrás do prédio da antiga Assembleia Legislativa que, segundo ele, era também frequentado por deputados, secretários de Estado, prefeitos, vereadores etc. Jocosamente, e utilizando de uma expressão popular, “se o Bar Pedro Américo ficava a poucos metros da Assembleia Legislativa, então “casou tomé com bebé”” (SOARES, 1989, p.22).

Ao discorrer sobre como conheceu este espaço, paradigma indiciário que serviu no entendimento da dinâmica cotidiana e noturna enquanto estudante e transeunte, ele buscou na maioria da narrativa descritiva do livro sempre articulando sua vida enquanto

secundarista que veio do sertão e que aos poucos se acomoda no ritmo de vida da Capital. Realidade de alguns destes lugares de boemia daqueles tempos, o Bar possuía vários pontos interessantes que foram destacados pelo autor: não possuía porta pois funcionava 24 horas por dia; fazia as vias de restaurante no dia-a-dia (o famigerado arroz-com-ovos, predileção de alguns estudantes, inclusive); servia de ponto de encontro entre casais declarados e não-declarados socialmente; ocasionalmente era um dos primeiros lugares de disseminação de boatos e fatos das vida política e social (como, segundo o autor, fora no caso do assassinato de João Pedro Teixeira, líder das ligas camponesas).

A narração de Paulo sobre os momentos de pico de encontro entre as pessoas, estudantes, meretrizes, passantes e transeuntes dos mais variados rumos, se davam nas noites de sexta-feira e sábado, onde confundia-se diálogos em meio a cigarros acesos, algazarras, gritos, conversas, pedidos e cochichos dentro do salão:

- “- Sai um arroz-com-ovos!
- Traz um pirata [ Montilla] e duas cocas!
- Viva Jango! Viva Fidel!
- Sai outro arroz, este está com cabelo.
- Mas só porque é fiado, Chiquinho?
- Me dá o molho Tabajara!
- Grande é Lacerda! Mior é Julião!” (SOARES, 1989, p. 255)

E completa, ao discorrer um pouco mais sobre a Zona: “*vimos o quanto apendemos com aquelas mulheres, as quais a sociedade daquela época, direta ou indiretamente, não as aceitando confinava em setores específicos da cidade.*” (SOARES, 1989, idem).

De fato, para além da articulação que ele costurou entre a sua memória e a das várias pessoas que ele incorporou no livro, o Bar Pedro Américo estava localizado no lugar mais central da cidade de João Pessoa de meados do século XX, praticamente um ponto gravitacional que atraía para si os outros espaços ali narrados. A casa dos estudantes se encontrava nas imediações do centro da cidade e servia como alojamento para estudantes que vinham de lugares distantes para estudar na capital; o comércio e o funcionalismo público era (e *grosso modo* ainda é) distribuído por entre as várias praças e avenidas do centro da cidade; as faculdades, antes da coagulação na Universidade Federal da Paraíba – UFPB –, eram distribuídas por todo o centro.

Enfim, o centro configurava um espaço de inúmeras modalidades de encontros e circulação de pessoas, das quais, com ou sem exageros de uma narrativa que trata a

memória de espaços e pessoas numa perspectiva compartilhada – afinal, memória também é esquecimento –, os bares, as ruas, as pensões, as histórias destes lugares, enfim, tudo aquilo que trate da vida de homens e mulheres que rastreiam por trabalho, diversão e uma vida social naquele momento histórico, tinha no centro e nos bares da cidade importantes chamarizes.

### **O Centro, o Bar e a Zona.**

Como três atores principais de um grande romance, a história do centro da cidade de João Pessoa, do Bar do Pedro Américo, da boemia, da vida noturna e dos prostíbulos da região se entrelaça de forma que é quase impensável relatar algum destes temas de maneira singular, existindo a impossibilidade de remeter um sem tratar do outro. É fundamental reconhecer essa necessidade de inteligir uma época considerando a importância de interligar este espaço, suas gentes, sua dinâmica e, portanto, sua vida social, cultural e econômica.

O Bar Pedro Américo era também uma extensão da Zona - lugar onde se é possível encontrar meretrizes ou michês –, pois servia-se de lugar de apoio indispensável para as mulheres que vivem “a vida de mulher da vida” (SOARES, 1989, p.253). Esta assistência não dizia apenas respeito ao lugar de atuação de seus programas e encontros, as vezes uma refeição ou mesmo uma folga, uma conversa mais casual entre elas ou com algum homem disposto a pagar uma bebida, estavam no hall de auxílios fornecidos pelo Bar.

Se tratando das “meninas da zona”, ou “da vida”, as bonecas de pano/trapo (em referência a Lupicínio Rodrigues e suas interpretações em Nelson Gonçalves), aquelas que circulam nos cabarés, lupanares, bordeis, manichuras (talvez em referência à Manchúria, espaço conhecido por ser ponto de prostituição em Campina Grande), haviam todo um caleidoscópio de moças, o que de certa forma apresenta um dado interessante sobre o a vida destas mulheres (as vezes na forma de um fantasma do tipo ideal, um estereótipo).

A respeito da desconstrução de estereótipos sobre as mulheres que frequentavam e trabalhavam os bares e outros setores de entretenimento no centro da cidade, podemos pelo menos situar duas escalas de meretrizes: aquelas mulheres que tinham expediente ocasional e as que geralmente vivam nas pensões e que tinham vida ativa no circuito do centro. As primeiras são introduzidas no livro ao tratar do Bar Pedro Américo, onde

lançavam encontros as vezes as escondidas com homens suspeitos numa mesa mais discreta. Geralmente tinham uma outra fonte de renda, como de trabalho doméstico, e podemos levar a crer que talvez adviessem da região metropolitana. Não viviam nas pensões, mas muitas vezes os acordos, os programas, tinham nas pensões uma extensão de seu “local de trabalho”.

Sobre aquelas que viviam no espaço do centro, o autor buscou apresentar dados mais detalhados sobre a vida delas e que exigiria uma intenção analítica bem maior e que não compete neste ensaio. Elas viviam nas pensões e bordeis e exerciam seus papéis em vários pontos, aonde apenas pela manhã tratavam de conversar entre elas sobre os causos, fatos, experiências e rendimento na noite anterior.

“As que ficavam na pensão optavam entre continuar o papo ou puxarem um ronco, até às 16 ou 17hs, quando apareciam os primeiros fregueses da tarde. Eram, na maioria, comerciantes e empresários que, aproveitavam o horário do expediente de suas lojas para mijarem fora do caco, uma expressão da época” (SOARES, 1989, p.267)

É perceptível um sentimento solidário muito forte entre as que foram narradas no livro, geralmente nas pensões onde o autor e os seus amigos construíram redes de sociabilidade entre aqueles que ali habitavam. Antes de se metamorfosearem para o enfrentamento noturno, trocavam muitas experiências entre elas e assim faziam pois talvez a relação de alteridade umas com as outras tinham na experiência de vida em comum sua principal gênese.

Muitas vezes estes espaços carregam altas doses de machismo – ainda que o desaforo dificilmente aquelas mulheres levassem para suas casas ou suas camas. Afinal de conta, como numa de suas passagens, ao tratar do caso de uma destas moças onde foi acusada de carregar consigo “blenorragia” por um cliente pois a mesma apenas se despia no escuro. De fato, a confusão foi grande e o autor afirma que “*realmente, ela não se despia em vista de ninguém. Não era portadora de doença venérea. Tinha, somente, pudor! A Zona tinha de tudo. Até as pudicas...*” (SOARES, 1989, p.270)

Bares, pensões, praças – como a famigerada praça do Pavilhão do Chá, popularmente conhecida hoje em dia como “praça da gala” – foram (e de certa forma ainda o são) espaços de atuação das mulheres da vida. O autor narra com intimidade os bastidores da vida diuturna destas mulheres e estes espaços dividia-se entre a Pensão de Hosana (uma das maiores e mais narrada pelo autor), o Bar de Marlene (travesti bastante espirituosa que comandava um dos melhores para fazer uma boa refeição), o

Bar do Carioca (segundo o autor, o maior de todos da região) , a Pensão de Andreza, Bar de Maria de Januncio, a Zona e seus becos, etc.

Entender o significado deste espaço da Zona, ao nosso ver, possui uma fronteira muito porosa ou quase nenhuma, visto que as vezes se caracterizara na cidade baixa – baixo centro, na atual rua da areia..., mas também em pequenas ilhas de pensões espalhada pela parte alta do centro.

O espaço da Zona, principalmente aquele situado na parte baixa da cidade – bairro do varadouro, onde se encontra o terminal rodoviário, nos becos que ligavam uma rua a outra, nas imediações da Marciel Pinheiro e da Rua da Areia – representara periculosidade, segundo o autor –, até a avenida General Osório. Na parte baixa era onde havia maior movimentação, marcado por algumas confusões, principalmente nos becos de ligação entre as ruas e seus quatinhos improvisados.

A música ao vivo era a predileção do público em alguns destes estabelecimentos. Interpretações e traduções musicais de artistas do calibre de Elizete Cardoso, Nelson Gonçalves, Maysa, Lindomar Castilho, Waldick Soriano, Aldemar Dutra, Dolores Duran, Roberto Carlos, Núbia Lafayette e entre outros, eram as pedidas ao passo que as doses se esvaíam dos copos e lubrificavam as goelas e a madrugada avançava. De alguma forma, o diálogo da boemia entre as músicas e as práticas sociais talvez corroborasse na difusão cultural de um tipo padrão de boemia que se perdeu ou se transformou nos dias atuais, onde os espaços, as práticas, as experiências, os sentidos, representasse uma maior harmonia com a vida das pessoas que se encontravam na Zona dos anos 60 e 70.

Confusões estas que estariam relacionados a situações que variavam entre um ciúme entre rapazes por uma moça da vida, ou mesmo quando as rondas dos militares passavam de bar em bar atrás de militares transgressores que, em momentos de folga ou não, pulavam a cerca da moralidade dos tempos de chumbo e buscavam uma diversão ébria na Zona. Entretanto, todos estes estabelecimentos, principalmente os bares, estavam condicionados a partir das 4 horas da manhã serem forçosamente fechados pela guarda que rondava as madrugadas alertando o amanhecer, carinhosamente chamado pelo autor como “a hora do maldito” [guarda que acabaria com a festa].

Em linhas gerais, os espaços de boemia narrados pelo autor adquiriram nos dias atuais outras formas e significados que em muito distingue do ‘tempos do Pedro Américo’, mesmo se tratando de espaços de diversões noturnas e prostituição, ainda tão presente nos dias atuais. A vida e a memória do autor, estudante sertanejo que buscou

formação escolar e universitária na capital, e que de sutilmente apresentou novas faces de um tempo de conflito – a ditadura civil militar -, traduz a simbiose da vida atuante de estudante e de boêmio.

## **Política e Combate**

Paulo Soares dedica extensas partes para demonstrar a atuação política dos jovens estudantes naquela época, seja através da participação direta nas entidades representativas como a União dos Estudantes do Estado da Paraíba, a UEEP, e o Diretório Central dos Estudantes (DCE), ou nas diversas ações sociais que os jovens estudantes desempenhavam com a população mais carente de João Pessoa.

Em relação à atividade estudantil dentro das entidades representativas, Soares nos mostra a luta dos estudantes, tanto os secundaristas, como os universitários, em prol das melhorias estruturais do ensino e da assistência estudantil. Inicialmente, o autor descreve todas as atividades relacionadas à Casa do Estudante e o processo de luta em relação à esse espaço.

Criada através do decreto 782 de 12/03 de 1937, durante a gestão de Argemiro de Figueiredo, a Casa do Estudante era um espaço de assistência aos jovens que vinham do interior para estudar na capital e que não tinham condições de se manter nas diversas pensões localizadas no centro da capital paraibana. Inicialmente, abrigava poucos estudantes e servia apenas como dormitórios, porém ao longo do tempo foi expandindo os seus serviços e hóspedes.

Soares nos mostra todo o processo de luta envolvendo as melhorias da Casa do Estudante, desde a sua estrutura física e chegando até a sua forma de representação dentro do movimento estudantil. Por ter participado ativamente desse período, o autor dedica a maior parte do seu livro a essa questão, incluindo nos seus relatos todos os tipos de piadas, anedotas e situações engraçadas que envolviam a Casa do Estudante, mas sempre deixando claro a importância da mesma para os estudantes e os seus esforços para mantê-la funcionando.

Ainda no âmbito da política estudantil, Paulo Soares relata todo o processo de luta dos estudantes em relação a outra questão importante para a assistência estudantil da época: o Restaurante Universitário. Como uma enorme parcela dos estudantes era proveniente do interior, era muito custoso para os discentes conseguirem se manter na capital e ainda arranjam dinheiro para a alimentação. Com isso, a existência de um

restaurante universitário e gratuito era uma pauta bastante importante para o movimento estudantil.

A mobilização dos estudantes frente a outros assuntos também é tratada por Paulo Soares, a exemplo do apoio às ligas camponesas do Estado da Paraíba e também na criação do Hospital Padre Zé por parte de alguns estudantes de medicina.

Toda essa movimentação estudantil era acompanhada por discussões políticas mais gerais, a exemplo da situação do país nos anos 60, principalmente na crise institucional envolvendo o Presidente João Goulart. Soares mostra toda a atividade estudantil contra as forças conservadoras que planejavam o golpe militar, indicando diversos estudantes e narrando várias situações de resistência, dentre elas a Greve da Faculdade de Medicina em 1963 e a ocupação da Faculdade de Direito em 1964.

Com o golpe militar instaurado, Soares diz:

“Trocaram tudo na Universidade. O reitor, Dr. Mário Moacir Porto, pelo Capitão-Médico Dr. Guilhardo Martins, o presidente da UEEP, o Presidente do DCE, os Presidentes dos Diretórios Acadêmicos, os assessores e os cambaus, como se dizia na época. Começaram os inquéritos e as prisões.” (SOARES, 1989)

A partir disso, ocorreu certo distanciamento de algumas figuras das lutas em relação a universidade, principalmente aqueles que estavam prestes a se formar. Em 1965, Soares diz que a grande maioria dos formandos em medicina da UFPB foi fazer suas especializações fora do Estado, inclusive ele mesmo, fazendo com que o distanciamento da luta estudantil fosse algo em comum a todos eles, porém o espírito combativo sempre permaneceu ao lado de todos eles.

É possível perceber no discurso de Paulo Soares sobre a atividade política da época alguns problemas. O primeiro deles é a expressiva maioria de militantes de esquerda nesse período. Seu discurso faz parecer que quase toda a classe estudantil estava alinhada às ideias de esquerda. Outro problema é a onipresença de Paulo Soares nos acontecimentos da época. Por escrever sempre no plural, faz parecer que ele estava presente em todos os acontecimentos possíveis, desde os vários encontros dos líderes estudantis com os Governadores, passando pelo assassinato de João Pedro Teixeira, nos congressos da UNE e na ocupação da Faculdade de Direito.

É preciso analisar essa memória de resistência ao regime militar no período em que o livro foi escrito, na redemocratização do país. Talvez Soares busque em suas memórias as soluções para a crise que o país vivia no momento em que o livro foi



escrito. A ideia de uma juventude combativa, alinhada aos interesses do país e que estava sempre presente nas atividades políticas parece ser o ideal que Soares busca em suas memórias, a fim de resgatar um espírito combativo para o seu presente.

### **O início do Fim – considerações**

Com o golpe militar e a intensa perseguição aos estudantes, tudo isso atrelado ao fato de a grande maioria ter começado a tocar as suas carreiras profissionais, o Bar Pedro Américo passou a ser menos frequentado por Soares e seus amigos. O regime militar, com seu discurso de ordem e preservação dos costumes, foi bastante repressivo à esses espaços de boemia e de prostituição, além do medo de ser fichado pelos órgãos de inteligência do estado, a exemplo do Serviço Nacional de Informação, que coletava informações de diversas pessoas que frequentavam esses espaços a fim de “desmoralizar” a imagens delas.

Outro ponto crucial na desarticulação do Bar Pedro Américo e na sua decadência foi a construção do campus universitário na zona sul da cidade. O Centro abrigava diversas faculdades e com isso o trânsito de jovens estudantes era bastante intenso nessa região. Com a desarticulação do centro como espaço para os estudantes, grande parte dos lugares que os mesmos frequentavam também passou a entrar em decadência, a exemplo do Bar Pedro Américo, que fechou suas portas no início da década de 1970, e quase todas as pensões.

Diante de tudo isso, ainda existe outro fator importante que nos explica a decadência desses espaços: a expansão da cidade para o Litoral. Até início da década de 1960, a linha litorânea e a zona sul da cidade não tinha uma expressiva densidade demográfica, relegada, como no caso da primeira, a espaços para veraneios e pequenos estabelecimentos comerciais e bares. Com o avanço da especulação imobiliária e a expansão do centro para cidade, somado ao processo de inflação demográfica – foi uma época de considerável êxodo rural para as cidades, principalmente de homens e mulheres sertanejos para o litoral -, o centro tentou sobreviver com as cartas que dispunha naquelas circunstâncias: ainda era (e é) um dos principais pontos comerciais não apenas da cidade, mas de toda a região metropolitana.

Com essa gentrificação urbana, este espaço que de certa forma já adquiria uma roupagem marginalizada ainda naquela época, mas com o diferencial de que havia bem maior circulação de pessoas, essa marginalização começa a incorporar maiores

elementos de criminalidade, visto que, uma vez que o centro da cidade e alguns dos seus antigos bares e pensões ainda funcionam nos dias atuais, seu sentido original transformou-se num espaço de relativa periculosidade. Estas relações todas nos trouxeram algumas considerações sobre o trabalho e a ideia de espaço do centro nos tempos do Pedro Américo e nos dias atuais.

Um primeiro ponto que merece destaque diz respeito a ausência de trabalhos historiográfico que abranjam este momento histórico na idade de João Pessoa e que tome como recorte justamente estes homens e mulheres que vivem, frequentam e usufruíram da vida noturna, muito mais para dar sentido cultural ao espaço em questão e como funcionava as relações de sociabilidade dentro de uma perspectiva que adote o lugar social destes sujeitos na história, no tempo e, principalmente, na memória. Sobre estas questões, talvez os apontamentos dados por Michel de Certeau no seu clássico “A Invenção do Cotidiano”(1994) sobre os lugares sem história destes sujeitos ordinários, as táticas, as estratégias e as resistências destes no âmbito do dia-a-dia e mesmo neste processo de gentrificação do centro permita apresentar algumas linhas sobre a vida cultural, social, boêmia e política nestes espaços fundamentalmente marginalizados.

Sobre estes sujeitos ordinários, um fator bastante curioso para nós ao lidar com a leitura sobre o trabalho memorialístico do autor e, conseqüentemente, da época em que são narrados os fatos, foram a simbiose –como dito anteriormente – entre os estudantes, os passantes, o Centro, o Bar e a Zona. Sobre esta última, a preocupação em apontar os bastidores e as várias facetas de um rosto noturno: as moças que se prostituíam tinham identidades próprias, trabalhavam e viviam no centro integralmente ou não. Isso nos faz apresentar uma ilustração menos caricatural sobre o que significa a labuta noturna destas mulheres, dando forma e complexidade a uma prática que moralmente (ou, melhor dizendo, hipocritamente) relega a elas, muitas vezes, as condições das mais cruéis na nossa sociedade.

Outra consideração nossa diz respeito a um aspecto romântico de nossa análise: uma história da ebriedade e de seus espaços. Ainda que exista uma relativa timidez na produção historiográfica sobre o lugar da boemia e seus espaços na sociedade, um estudo que pensasse ou mesmo conceituasse a ideia de boemia no seu sentido antropológico e histórico está no nosso horizonte de expectativa de análise – ainda que esta ainda se mostre bastante limitada devido ao avançar desta pesquisa. Pensar Boemia enquanto prática social, que culturalmente flui dentro da necessidade de encontrar-se com seus discípulos de vida ou mesmo sozinho, numa mesa de bar ou mesmo na sua

própria residência, onde culturalmente entende-se esta prática na literatura e principalmente na música – de “A volta do Boêmio” à “Garçon” –, dentre tantas outras questões, foi um dos resultados de nossas preocupações com este tipo de pesquisa.

Pois, desvencilhar esta prática corriqueira da sociedade do seu sentido mais clínico – e neste sentido, higienizador, pois desconsidera qualquer outro tipo de interpretação sobre a prática e os seus espaços que não seja apenas vinculada ao redutor “alcoolismo” – talvez seja uma maneira mais crítica de se pensar as condições dos sujeitos que viveram, vivem e viverão esta prática (seja para combatê-la quando se pensa saídas para os problemas de saúde, seja para pensá-la como algo inerente na nossa sociedade e que assim precisaríamos perceber novas formas de se pensar a história dos de baixo (THOMPSON, 2001).

Ou seja, é importante historicizar a própria ideia de boemia e seus espaços do ponto de vista de uma História Cultural (CHARTIER, 1990). O centro da cidade não deixou de ser frequentado, nem mesmo alguns dos seus espaços noturnos ficaram escanteados. A população pode não ser (toda ela) a mesma de outrora, da narrativa do autor. Há alguns apontamentos e coincidências, afinal, ele também é um ponto de intercessão entre a região metropolitana. Mas será que é possível, por exemplo, dar sentido histórico para a ideia de boemia – numa análise comparativa ou não? Se sim, é possível pensar, neste processo todo, resistência, transformação ou mesmo perda de um sentido de boemia para outro? Como se deu este processo na cidade de João Pessoa para entendermos as condições atuais destes espaços? Bem como contribuir para uma transformação do centro de maneira dialética e humanamente capacitada, com participação de quem também frequenta e mesmo convive com o espaço, e historicamente coerente.

## **REFERÊNCIAS**

- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações culturais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. V.1
- THOMPSON, E. P. **A história vista de baixo**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.
- SOARES, Paulo. **Nos tempos do Pedro Américo**. João Pessoa: Grafset, 1989.